

Número da fita: 0016

Título: Entrevista com Zadir do Espírito Santo e Sebastião do Nascimento

Mídia: 8 mm

Time Code		Vídeo	Áudio	Tema	Comentário imperdível (interno ao material)	Sugestão (conexões externas)
in	out					
00:00:01	00:02:17	Seu Zadir está sentado, no centro, e Seu Sebastião está ao lado, em pé.	Seu Zadir fala de sua esposa, e, da relação desta com o jongo. Fala, também, da participação das mulheres nas rodas de jongo no “tempo dos antigos”. Destaca, entre elas, a figura de D. Felicidade, jogueira que, segundo ele, morreu com 110 anos. Essa senhora era uma liderança respeitada pelos demais jogueiros.	Jongo		

00:02:17	00:02:46	Idem.	<p>O depoente fala das festas acontecidas na casa de “Seu Cruz”. Nesse espaço, jongueiros e calangueiros se comunicavam: o calango no salão e o jongo no terreiro. Nas festas, em casa do citado “Seu Cruz”, Seu Zadir afirma que começou a interagir mais. E, ainda, passou a tocar, também, por lá. No entanto, segundo ele, o ciúme de sua mulher constituiu-se em empecilho para sua presença nessas festas.</p>	Festas.		
----------	----------	-------	--	---------	--	--

00:02:46	00:04:15	Idem.	Perguntado sobre quem lhe ensinou a tocar o tambu, Seu Zadir tangencia a pergunta, e, passa a discorrer sobre as condições de vida do lugar em nasceu: <i>Itapicu(?)</i> , no “sertão” de Mambucaba.	Jongo		
00:04:15	00:04:15	Idem.	A gravação é interrompida a pedidos da entrevistadora – Professora Martha Abreu.			
00:04:20	00:05:10	A gravação é reiniciada. Seu Zadir e Seu Sebastião, agora ambos sentados, são enquadrados pela câmera da cintura para cima.	Seu Zadir fala sobre os pais. Afirma que ambos eram grandes jongueiros, e, se considera um “(?) de raiz”.	Jongo		

00:05:10	00:06:00	Seu Sebastião levanta-se e diz: “Pior que o Délcio está fugindo da gente!”. Seu Sebastião sai do enquadramento da câmera. Em seguida põe uma cadeira para Délcio sentar-se perto deles, e, retorna à sua cadeira, ao lado de Seu Zadir.	Perguntado sobre o era um “bom jongueiro”, Seu Zadir responde que era aquele que tinha grande habilidade para “desempatar o ponto e passar pra outro” com grande desenvoltura.	Jongo		
00:06:00	00:07:24	Seu Zadir, Délcio e Seu Sebastião estão sentados, um ao lado do outro.	Perguntado sobre o que sua mãe achava do jongo, Seu Zadir responde que o jongo não pode ser feito só por homem e detalha a participação das mulheres na dinâmica da roda de jongo.	Jongo		
00:07:24	00:07:59	Idem.	Seu Sebastião critica Délcio pelas “inovações” introduzidas por este no jongo.	Jongo		

00:07:59	00:08:42	Idem.	<p>Seu Zadir refere-se a D. Felicidade e aos costumes jongueiros do tempo desta. Ele menciona que D. Felicidade, com 110 anos, era a mais antiga jongueira de Mambucaba. Afirmo que quando D. Felicidade levantava-se para cantar jongo não sentava-se mais até findar a roda. E, também, relata que o primeiro “ponto”, antigamente, era o “Bendito seja louvado”, e, aponta para Délcio relatando que havia sido o “ponto” que ele (Délcio) havia tocado no som de seu carro. Seu Zadir diz que este “ponto” é um “chamado” denominado “ta mau com os mais velhos(?)”. Seu Zadir, ainda, comenta sobre o “poder” dos mais velhos.</p>	Jongo.		
----------	----------	-------	---	--------	--	--

00:08:42	00:09:34	Idem.	Perguntados se D. Felicidade podia pôr “ponto” também, Seu Zadir e Seu Sebastião falam que sim. E mais, relatam a força de D. Felicidade entre os outros jongueiros. Seu Sebastião e Seu Zadir discordam entre si sobre a possibilidade de D. Felicidade ter sido escrava.	Jongo.		
00:09:34	00:10:12	Idem.	Perguntados se as mulheres podiam tocar tambu, na roda de jongo, Seu Sebastião e Seu Zadir respondem que sim. E, cita as mulheres de <i>Tarituba</i> como exemplo. Contudo, em relação em relação ao “bumbo” e ao “cangêre” afirmam haver um grau maior de dificuldade, o que, talvez, foi uma barreira para uso destes instrumentos pelas mulheres. De acordo com ele, ainda, o cangêre é um instrumento que requer “saber bater”, pois o seu toque é mais complexo, e, ele ( o cangêre) acompanha o “jeito do gesto do ponto”.	Jongo.		

00:10:12	00:11:40	Nessa tomada acontecem algumas interferências acontecem: alguém coloca a mão no espaço de enquadramento, e, a Professora Ana Lugão aparece, parcialmente, à frente de Seu Sebastião por alguns segundos.	Seu Sebastião afirma que o “jongo não é para garoto novo, não! É pra veterano mesmo!”. E, pergunta a Délcio qual o interesse que este têm pelo jongo. Seu Zadir, no entanto, interfere: ele afirma que Délcio está fazendo um levantamento sobre a história do jongo, e, defende-o. Seu Zadir, também, aconselha Délcio a procurar os mais “idosos”, pois, a seu ver, os mais jovens não têm consciência do valor jongo. Em sue discurso apresenta-se o choque entre o “antigo” e o “novo”.	Jongo.		
----------	----------	--	---	--------	--	--

00:11:40	00:13:55	Sem interferências. Os entrevistados continuam sentados.	Seu Zadir fala do valor e de seu respeito pelo jongo. Relata que atualmente só toca em poucos lugares. Usa a expressão <i>toco tiziu(?)</i> . Fala, também, de sua mãe, Maria Rita, cujo o marido, Seu Ponciano José Bernardo (padastro de Seu Zadir) era um grande jogueiro. Nas rodas de jongo, da época de D. Maria Rita e de Seu Ponciano, os mais jovens, de acordo com seu Zadir, não tinham muito espaço. D. Felicidade restringia e hierarquizava com sua influência a relação entre os “antigos” e os “mais novos”. Seu Zadir cita os nomes dos jogueiros mais “antigos” do período: Júlio Maria, Bernardo e Pedro Lima. Todos jogueiros que gozavam de certo destaque junto à D. Felicidade.	Jongo.		
----------	----------	--	--	--------	--	--



00:13:55	00:14:31	Idem.			Perguntados sobre o que eles estavam achando do projeto de Délcio, Seu Zadir e seu Sebastião respondem que é ele ( o projeto) muito necessário e irão ajudar apoiar. Mas, segundo Seu Sebastião, deve-se priorizar Mambucaba.	
00:14:31	00:16:05	Os entrevistados continuam na mesma posição.	Nessa tomada, outra vez, interferências acontecem: o ambiente é invadido pelo som de um televisor ligado no “Globo Esporte”. Porém, desaparece rapidamente.	A terra.		
00:16:05	00:16:49	Interferência: alguém passa na zona de enquadramento da câmera.	A questão da terra é citada neste trecho. Seu Sebastião relata que a terra aonde mora pertencera ao Paulo Tinizô. Comenta, também, sobre as brigas sobre os limites de terra na região	A terra.		

00:16:49	00:17:39	Sem interferências.	Perguntado se trabalhou para o neto de Paulo Tinizô, Seu Zadir reafirma que sim. Cita, também, seus outros empregos. Fala que o Zezé, neto de Paulo Tinizô, era mais velho que ele. Seu Sebastião e Seu Zadir contam as lembranças de infância sobre Paulo Tinizô..	Idem.		
00:17:39	00:21:16	Idem.	Seu Sebastião e Seu Zadir falam do poder da família Tinizô sobre as terras de Mambucaba. Lembram, também, dos mandos e desmandos dos Tinizô na região.	Idem.		
00:21:16	00:22:38	Idem.	Neste trecho, um conversa paralela ressoa ao fundo.  As memórias sobre D. Felicidade são retomadas. Seu Zadir conta casos de seu cotidiano.	Jongo.		

00:22:38	00:24:27	Délcio levanta-se, e, sai do enquadramento. Porém, logo retorna.	Seu Sebastião interpela à Délcio para saber com quantos anos ele saiu de Mambucaba. Délcio responde que com menos de 1 (ano) de idade. Seu Zadir fala de como a mãe de Délcio saiu de Mambucaba. Seu Sebastião aconselha à Délcio para ir atrás de sua tia, D. Lúcia. Seu Zadir intervêm, e, afirma que a mesma encontrava-se no Rio de Janeiro.	Délcio.		
----------	----------	--	--	---------	--	--

00:24:27	00:26:15	Délcio, mais uma vez, levanta-se e saí.	<p>Neste trecho, ouve-se voz e choro de criança ao fundo.</p> <p>Seu Zadir comenta que viajou para Minas por 2 (duas) dias e 1 (uma) noite para uma festa de jongueiros. E, afirma: <i>mas esse jongo me dá muito trabalho, mesmo!</i> Seu Sebastião e Seu Zadir passam a falar de calango. Seu Zadir menciona um certo “Seu Ari”, considerado por eles um grande calangueiro. Seu Sebastião lembra de uma roda de calango composta pelos grandes calangueiros de sua juventude: Pedro Lima, Afrânio, Zé Cuxe e Daniel Pimenta. Todos disputavam entre si, e, buscavam a vitória sobre Seu Ari. Porém, segundo os depoentes, Seu Ari era muito bom no calango – este dançava, gritava (Uhuh!) e não repetia nenhuma verso durante a noite inteira – não sendo facilmente derrotado.</p>	Jongo e calango.		
----------	----------	---	---	------------------	--	--

00:26:15	00:27:05	Sem interferências. Os entrevistados permanecem sentados.	Perguntados se hoje ainda tinha alguém que tocava bem o calango, eles respondem que não. Falam do grande espaço ocupado pelo funk e pelo “farró maluco” entre os jovens da comunidade. Aqui o conflito entre o “antigo” e o “moderno” é reafirmado.	Calango.		
00:27:05	00:28:28	Idem.	Seu Zadir fala sobre seus problemas de saúde e Seu Sebastião aconselha-o a não beber mais.	Seu Zadir.		
00:28:28	00:32:30	Idem.	Seu Sebastião afirma que vai fazer perguntas aos entrevistadores: “Por que que vocês fazem esse trabalho?” / “O quê vocês ganham com isso?”/ “Aonde vocês perdem com isso?”. Respondidas todas as perguntas, Seu Sebastião dá-se por satisfeito. E, retoma a crítica aos “mais novos”, nesse caso os seus filhos, por não se interessarem pela cultura da comunidade.	Perguntas dos entrevistados.	Os entrevistados tornam-se entrevistadores.	

00:32:30	00:34:06	Idem.	Seu Zadir fala sobre a sua saída de Mambucaba. Menciona que, apesar disto, mantêm estreitos vínculos com a comunidade	Seu Zadir.		
00:34:06	00:37:08	Idem.	Seu zadir e Seu Sebastião comentam sobre outros pesquisadores, professores vindos de “Praia Brava”, que procuraram pela comunidade. Seu Sebastião, inclusive, menciona a existência de um livro sobre a história da comunidade no qual ele havia colaborado.	Contato com outros pesquisadores.		

<b>Legenda dos temas</b>	<b>Equipe de decupagem</b>
Jongo – JO Memória do tráfico – MT Quilombo – QL Calango – CA Memória da África – MA Memória da escravidão – ME Folia de Reis – FR Campesinato Negro – CN Fazendas – FA	Camila Marques Camila Mendonça Edmilson Santos Eric Brasil Luana Oliveira Luciana Leonardo Matheus Serva Rejane Celeste Thiago Campos